

LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO DISCIPLINA OBRIGATÓRIA: UM DEBATE ESTRUTURAL ESSENCIAL

COSTA, Cátia Gisele Dantas

Curso de Licenciatura em Letras

Centro Universitário Internacional Uninter

ALMEIDA, Daiane Vithoft de¹.

Professora Orientadora.

RESUMO

Este artigo é parte da pesquisa sobre negritude e identidade cultural e racial e a relação entre a literatura brasileira e a literatura africana de língua portuguesa. Fundamentada sobre autores que deixaram legado na construção da história da literatura africana colonizada pelos portugueses, também os autores contemporâneos e sua intertextualidade e influências com a literatura brasileira. Também com base nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e indígena na educação básica trazer à reflexão a obrigatoriedade da disciplina de Literatura Africana de Língua Portuguesa que hoje é somente facultativa nas escolas de Ensino Superior. A importância deste artigo surge a partir de determinados questionamentos: Se as literaturas brasileira e portuguesa são obrigatórias por que a Literatura Africana é facultativa? Preconceito, racismo? Má formação dos professores? Desinteresse pela cultura afro? O texto constrói-se com um olhar sobre as literaturas africanas de língua portuguesa e procura ressaltar alguns momentos importantes dos projetos literários de cada um desses cinco países: Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, partindo do pressuposto que a educação formal deve enfatizar nossas raízes e a história do processo de formação do povo brasileiro nos currículos, além de preparar os professores para poder enfrentar as situações de discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Africana. Colonial. Racismo. Valorização.

¹ Professora Daiane Vithoft de Almeida, Graduada em Letras no ano de 2005 na Instituição Santa Cruz, pós-graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Pós-graduada em Deficiências Múltiplas. Professora Orientadora na Faculdade Uninter.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de situar o percurso das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa enquanto disciplina estabelecida nos currículos requer um processo altamente complexo, pois envolve uma mudança de paradigma no quadro de concepções, assumindo-se uma nova lógica em relação ao processo educativo a partir do princípio de que não podemos deixar de constatar que estamos vivendo um momento de grandes transformações na sociedade. Seus desdobramentos, entretanto, são muitos e nos desafiam a uma melhor compreensão do que está realmente mudando ou apenas sendo reformado, e quais implicações estas mudanças ou reformas estão trazendo para o campo educacional. Sendo assim, é necessário reconhecer a importância do ensino da literatura afro-brasileira para a formação identitária das crianças e dos jovens negros a fim de que possam desenvolver no que concerne à presença da negritude na sociedade brasileira e seu papel na história.

A Reforma 5.692, de 1971, modificou toda a metodologia de ensino para as Literaturas, concentrando-as no atual ensino médio, tornando-as disciplinas prescritivas e direcionadas aos que iriam prestar os exames de Vestibular. Os conhecimentos literários não iam muito além de decorar nomes de autores, relacionando-os às suas principais obras e às características dos estilos, cabendo ainda ressaltar a diminuição do espaço para os estudos de Literatura Portuguesa e o total desconhecimento das Literaturas Africanas, no clima mais ajustado da “neocolonialidade curricular” (PADILHA, 2010, p.3).

Mesmo com a chegada da LDB 9694/1996, a qual a ideia seria corrigir muitos dos erros pedagógicos contidos na 5.692, a Literatura continuou sitiada no ensino médio, apesar da tentativa de incentivar a leitura, ao privilegiar o trabalho com os gêneros textuais (LIMA, 2016). Porém a Literatura Africana de Língua Portuguesa não é disciplina obrigatória no Ensino Superior então isso gera um contrassenso, pois se é obrigatória na Educação Básica (Leis 10.639/2003 e 11. 645/2008 estabelecem a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e indígena na educação básica) não deveriam os discentes de Licenciatura aprimorar seus conhecimentos para estendê-los aos seus futuros alunos?

Esses marcos legais, conforme temos testemunhado em diferentes espaços de educação, tornam-se efetivos (no sentido do aprendizado perene) na medida em que o seu entendimento e implementação resultam de um “descentramento do olhar” de educadores e educandos. Uma mudança de perspectiva que não significa a exclusão de conteúdos consagrados, mas a inclusão de opções de novas roupagens para um corpo já constituído de muitos saberes. No entanto, necessitam ser solidificados com a prática constante.

No presente artigo, será abordada em parte a produção ficcional de alguns dos principais escritores lusoafrikanos, analisando genericamente temas e motivos presentes em suas obras, tanto do ponto de vista sócio-histórico quanto do ponto de vista estético-literário. A interligação com a literatura brasileira e a importância entre elas. Ainda discorrer sobre a importância da disciplina de Literatura Africana de Língua Portuguesa como prática obrigatória no currículo de Licenciatura.

2 LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas.

Ao produzir literatura, os escritores forçosamente transitavam pelos dois espaços, pois assumiam as heranças oriundas de movimentos e correntes literárias da Europa e das Américas e as manifestações advindas do contato com as línguas locais. Esse embate que se realizou no campo da linguagem literária foi o impulso gerador de projetos literários

característicos dos cinco países africanos que assumiram o português como língua oficial.

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa são ainda jovens, com aproximadamente, 160 anos de existência. Já é de senso comum entre historiadores e críticos de que a literatura ajuda a desenhar e fixar a identidade de uma nação. É nesse contexto que podem ser vistas as literaturas de países africanos, que buscam, atualmente, se afirmar como nações independentes, tendo uma literatura que lhes ajuda a fixar uma “identidade”.

Apesar de os primeiros textos datarem da segunda metade do século XIX, só no século XX, na década de 30 em Cabo Verde (com Claridade), e nos anos 50 em Angola (com Mensagem), é que essas literaturas começaram a adquirir maioridade, se descolando da literatura portuguesa trazida como paradigma pelos colonizadores.

Ainda que estejamos distantes de conhecer amplamente essa parte do patrimônio cultural de toda a humanidade, o nosso ambiente educacional já não ignora a incontestável contribuição dessas produções poéticas e de prosa ficcional para o “macrossistema literário” de língua portuguesa (ao lado do Brasil e de Portugal).

2.1.1 Angola

Entre as literaturas dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, a angolana é reconhecidamente aquela que se constituiu primeiramente, país que só se tornou independente em 1975. Naquele espaço atlântico, ainda na primeira metade do século XIX surge o primeiro livro de poemas de um escritor angolano, o mestiço José da Silva Maia Ferreira. Com o título “Espontaneidades da minha alma – às senhoras africanas” (1850), o poeta apresenta o primeiro volume de poesia de toda a África Austral.

Vosso olhar, vosso gesto e coração!
Porque de amor fazeis nutrir esperanças
Quando a ninguém amais? - Porque dolorosa
Fingis doce sorrir, -meiga soltais
Essa voz, cujos sons me vibram na alma?!
Que destino cruel em vós fadou,

Com tais encantos, alma já sem brilho!
Oh! - Porque assim, a máscara infernal
Com que tanta torpeza encobríeis,
Tão cedo ante mim a arremessastes?
Excerto do poema "A Ela", in Espontaneidades da
minha alma (1849).

José da Silva Maia Ferreira foi o primeiro poeta angolano a publicar uma obra lírica em verso e, ao mesmo tempo, a primeira obra impressa em Angola.

Uma visão panorâmica da literatura angolana, por exemplo, permite ver que a valorização do passado é, sem dúvida, um dos tópicos do programa elaborado pelo grupo de escritores que se propõe a fundar a moderna poesia de Angola. Em fins dos anos 40, reunidos em torno da revista Mensagem, António Jacinto, Agostinho Neto, Viriato da Cruz, para citar apenas três nomes, vão formar a famosa Geração dos "Novos Intelectuais", que, elegendo como palavra de ordem a frase "Vamos descobrir Angola", procura lançar uma nova concepção de poesia. A expressão "Novos Intelectuais" alude a um grupo anterior que sacudiu Luanda em fins do século XIX com propostas que, embora menos radicais, foram objeto de repúdio e perseguição por parte do governo português.

O processo de colonização foi se intensificando e o aumento do descontentamento de certas camadas sociais, nesse contexto que surge a necessidade de se criar uma literatura que se distanciasse de tudo o que estivesse relacionado ao opressor.

A Literatura Angolana é fortemente influenciada pela literatura brasileira à fins de conclusão, podemos dizer que a literatura criada nas décadas de 1950 e 1960 em Angola acompanhou mais ou menos a trajetória política de alguns intelectuais angolanos, durante o período colonial. Portanto, uma boa parte da geração de escritores angolanos daquela época lia regularmente autores brasileiros, não só pelo fato de se identificarem mais com a literatura brasileira, mas de certa forma, também por contraposição à influência literária europeia. Essa geração lia praticamente os mesmos livros e conhece escritores brasileiros como Jorge Amado, José Lins Rego, Graciliano Ramos, Drummond de Andrade, Castro Alves, Érico Veríssimo, entre outros.

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o Pepetela, é um escritor angolano nascido em 29 de outubro de 1941. Fez parte do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) durante os anos de 1969 a 1974, quando participou da luta armada em prol da independência de seu país. É o primeiro angolano a ganhar o Prêmio Camões. Suas obras fazem parte da literatura contemporânea angolana e são caracterizadas por: anticolonialismo, crítica sociocultural, valorização da identidade nacional e engajamento político.

Nesses tempos conturbados de mudanças políticas, fim do regime de partido único e suspensão da guerra civil, seguidos de uma campanha eleitoral problemática, tinha resolvido voltar a olear a pistola que possuía há muito e fez algumas sessões de treino ao alvo no terreno que possuía fora de Luanda. Podia precisar da arma e da sua pontaria apurada para se defender e à família, ninguém podia prever um futuro tranquilo. Portanto, arma tinha. Bastava coragem para resolver o assunto e dispor as coisas de modo a não ser incomodado pela polícia.(...) Vladimiro Caposso pela primeira vez sorriu, a audácia triunfava sempre, ele sabia jogar com a psicologia do momento, por isso chegara ao ponto de vista onde estava. (PEPETELA, 2008, p. 21)

O brado de 1948, reiterado pelo Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), de 1950, foi responsável pela publicação da Antologia dos novos poetas de Angola (1950) e das revistas Mensagem, a Voz dos Naturais de Angola (1951-1952) e Cultura (1957- 1961), que consolidaram o sistema literário angolano. Sobre a presença da literatura brasileira nesses movimentos, observa o escritor Costa Andrade (1982, p. 26):

Entre a nossa literatura e a vossa, amigos brasileiros, os elos são muito fortes. Experiências semelhantes e influências simultâneas se verificam. É fácil ao observador corrente encontrar Jorge Amado e os seus Capitães de Areia nos nossos escritores. Drummond de Andrade, Graciliano, Jorge de Lima, Cruz e Souza, Mário de Andrade, Solano Trindade e Guimarães Rosa têm uma presença grata e amiga, uma presença de mestres das jovens gerações de escritores angolanos.

2.1.2 Moçambique

Em interessante estudo sobre literatura e nacionalidade na cultura moçambicana, Patrick Chabal aponta quatro fases de desenvolvimento da literatura africana em língua portuguesa. A primeira é a assimilação, em que os escritores

copiavam os modelos de escrita europeus. A segunda é a resistência, na qual o autor se põe como construtor e defensor de uma cultura africana essencial. A terceira fase se encontra no período após a independência, onde o escritor procurava marcar seu lugar na sociedade. E por fim, a quarta, é a atualidade, em que há uma busca de se traçar os novos rumos para o futuro (CHABAL, 1994).

No poema “Grito negro”, José Craveirinha, poeta moçambicano, explora de forma explícita a violência do trabalho imposto ao negro. A imagem do negro-carvão ressalta a transformação do homem em objeto, condenando o sistema de exploração levado à África pelos colonizadores europeus:

Eu sou carvão
Tenho que arder na exploração
Arder até às cinzas da maldição
Arder vivo como alcatrão, meu Irmão
Até não ser mais tua mina
Patrão! (1980, p. 13)

A figura de maior destaque na poesia da moçambicanidade e referência obrigatória em toda a literatura africana é José Craveirinha. A poesia de Craveirinha engloba todas as fases ou etapas da poesia moçambicana, desde os anos 40 até praticamente os nossos dias. Em Craveirinha vamos encontrar uma poesia tipo realista, uma poesia da negritude, cultural, social, política, uma poesia de prisão, uma poesia carregada de marcas da tradição oral, bem como muito poema com grande pendor lírico e intimista.

A expressão moçambicana é de pura musicalidade. Essa musicalidade criada pela expressão se confunde com a língua portuguesa. Nos versos “de contar as nossas coisas / à maneira simples das profecias” trazem aliterações, mesmo na última palavra “profecias” em que a letra C tem som de S. Esse repetido som (S-S-S) nos remete a oralidade. O poeta está sussurrando em nossos ouvidos, contando as nossas coisas, à maneira das simples profecias. Os versos “nem em plena vida se transforma / a visão do que parece impossível / em sonho do que vai ser” também produzem o efeito oral. Assim, Ana Mafalda Leite descreve a sensação causada pela escrita poética de José Craveirinha:

“Ler Craveirinha é de certo modo fazer trabalhar o nosso corpo, fazê-lo partilhar de uma prática oral que vai ecoando até formar

um imenso tecido sonoro. A sua poesia pressupõe uma enunciação em voz alta que pode até assemelhar-se a uma recitação encantatória, vibrante e suporte fundamental da palavra oral e da memória rítmica da língua mãe. Sendo o ronga a língua primeira do poeta, esse fundo rítmico de base por certo sofreu oscilações à medida que se foi operando a travessia para a outra teia da língua portuguesa (LEITE, 2002, p. 27).

Mia Couto é um desses escritores contemporâneos que através da literatura propõem um novo olhar sobre a África. Ele desafia o leitor a “redescobrir-se” na cultura nacional moçambicana através de histórias que foram sendo, por vezes, inscritas também pelas guerras (sem heróis), pelos costumes, paisagens, vilarejos, famílias, e por populações que “sonharam em ser futuro” – esse futuro que é, por um lado, atualizado pelo seu presente e que, por outro, é pré-determinado pelas experiências passadas.

Bastaram alguns anos após a guerra de independência para que surgisse um novo espírito nacional comumente presente nesse moderno conceito de literatura que cresce significativamente no continente africano. Atualmente há uma reinterpretação da cultura nacional africano-moçambicana que começa como uma denúncia ao discurso de “vitimização” pelo colonialismo. Como atesta Mia Couto:

Talvez se esperasse que, vindo de África, eu usasse desta tribuna para lamentar, acusar os outros e isentar de culpas aqueles que me são próximos. Mas eu prefiro falar algo em que todos somos ao mesmo tempo vítimas e culpados. Prefiro falar do modo como o mesmo processo que empobreceu o meu continente está, afinal, castrando a nossa condição comum e universal de criadores de história. (Se Obama fosse africano?(p. 12-13.).

Mia Couto é um dos grandes nomes da literatura de Moçambique, com grandes prêmios, inclusive, o Prêmio Camões de 2013, porém entre tantos outros nomes igualmente importantes da literatura contemporânea eu não poderia deixar de citar Paulina Chiziane. Primeira mulher moçambicana a publicar um romance, a autora faz uma literatura ligada às suas raízes culturais, abordando temas femininos num país em que a atividade é exercida quase em sua totalidade por homens. Começa por publicar alguns dos seus contos na imprensa moçambicana, como a *Página Literária* e a revista *Tempo*, histórias que falam da vida em tempos difíceis, mas da esperança, do amor, da mulher, e de África. As suas escritas vêm gerando discussões polêmicas sobre assuntos sociais,

tal como a prática de poligamia no país. Com o seu primeiro livro, *Balada de Amor ao Vento* (1990), a autora discute a poligamia no sul de Moçambique durante o período colonial. Esta obra transcreve a oralidade africana para o papel, numa mensagem feminista e de esperança.

Transcreve-se a visão da escritora sobre o seu processo criativo:

Dizem que sou romancista e que fui a primeira mulher moçambicana a escrever um romance (*Balada de amor ao vento*, 1990), mas eu afirmo: sou contadora de estórias e não, romancista. Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte. Nasci em 1955 em Manjacaze. Frequentei estudos superiores que não concluí. Actualmente vivo e trabalho na Zambézia, onde encontrei inspiração para escrever este livro. (CHIZIANE, 2004).

2.1.3 Cabo Verde

Cabo Verde possui uma literatura variada, em que a cultura popular – em geral, representada pela tradição lírica advinda das mornas, cantigas populares próprias da região – a questão da diáspora africana, os conflitos sociais e o tradicional embate racial entre brancos e negros estão bastantes presentes.

O impacto do colonialismo não foi tão drástico e dramático em Cabo Verde como foi nas outras regiões africanas que passaram pelo processo de colonização portuguesa.

A identidade cabo-verdiana começa a manifestar-se na literatura no final do século XIX e assistimos, sucedendo ao período nativista, com a geração da revista *Clareza*, nos anos trinta do século XX. A revista e o movimento que daí surgiu foram fundados por Baltasar Lopes da Silva, Jorge Barbosa e Manuel Lopes.

Mas foi, sobretudo, o modernismo brasileiro que influenciou essa geração de escritores, que começava a tomar uma consciência cada vez mais nítida da realidade das ilhas.

Contemplam-se relações de diversas ordens entre O Brasil e o arquipélago de Cabo Verde, chama a atenção para as possibilidades de desdobramento que tais similitudes propiciam. Temática e paisagem semelhante vamos encontrar em obras como *Vidas Secas* e *Os Brutos*, ambas inseridas no âmbito do Regionalismo de 30, que contemplam, tendo

como cenário o Nordeste brasileiro, questões semelhantes a de Famintos, por exemplo.

As similitudes entre as paisagens, com destaque para a do Nordeste, e a força da mesclagem racial configuravam um panorama que animava as aproximações. Isso explica a ressonância, por exemplo, do poema “Pasárgada”, de Manuel Bandeira, transformada em verdadeira matriz poética no Arquipélago. Depoimentos de inúmeros escritores, como Osvaldo Alcântara, Manuel Lopes, Luís Romano, Orlanda Amarílis e Gabriel Mariano ratificam o fato. (CHAVES, 2005, pp. 280-281).

A seguir ao movimento claridoso de 1936, a revista *Certeza* (1944), de pendor neorrealista, procurou trilhar o novo caminho da cabo-verdianidade. De fato:

Como o próprio nome indica Claridade deixa entrever uma intenção de visibilidade, de esclarecimento, de iluminação, na busca de novos caminhos livres das sombras da opressão, voltados para um projeto de construção de uma identidade étnica e cultural. Daí a necessidade sentida da contestação, da denúncia, do retorno às raízes. Como bem o assinala Pierre Rivas, ao estudar o movimento, “para os claridosos, trata-se de instaurar uma literatura de fundação, na qual a questão identitária se traduz pela importância da pesquisa etnográfica, da compilação dos contos e lendas populares, da valorização do folclore, da elaboração, em uma palavra, de uma mitopoética nacional” (DANTAS, 2011, p. 77)

Ainda com a independência do arquipélago, em 1975, havia um número reduzido de escolas e um alto nível de analfabetismo.

Apesar de todas as dificuldades para obtenção da tipografia e, conseqüentemente, da instalação da imprensa - fator comum às nações africanas que foram colônia de Portugal - em Cabo Verde a tipografia surgiu em 1842, coincidindo com a publicação do primeiro número do *Boletim Oficial do Governo Geral de Cabo Verde*. Mais tarde, com o título de *Boletim Oficial de Cabo Verde*, tinha por objeto as publicações oficiais do Governo, mas como não havia um periódico não oficial no arquipélago, os primeiros poetas e prosadores cabo-verdianos começaram ali suas expressões.

Os periódicos publicados entre os anos de 1880 a 1899 traziam notícias de Cabo Verde e de Portugal, abordavam assuntos variados e comentários sobre política, mas também continham seções literárias com crônicas, contos, poemas, artigos e narrativas folhetinescas, como, por exemplo, “Amores d´uma creola”, da autoria de Antônio de Arteaga.

Um enorme lustre de vidro, ao centro, coava a luz das suas cinquenta velas, pelos prismas de cristal. Nos contadores de madeira do Brasil, enormes candeeiros de bronze cinzelado projetavam pálida luz. Jarras de flores, quadros antigos, alguns de valor, cadeiras de mogno em relevos com espaldar de couro e pregadura de metal, completavam o resto da ornamentação da sala de baile. Na varanda [...] alguns músicos afinavam as suas rabecas e violas. (ARTEAGA, 1899, pp. 2-3)

Numa vertente de produção literária que explora os diferentes matizes da temática da insularidade, a escritora Orlanda Amarílis, nascida em 1924, é nome significativo, assumindo as variantes de um mesmo tema – o do exílio, da diáspora, da solidão –, mas também observando, com olhos muito ternos, o dia-a-dia das mulheres e das ilhas.

"Quantos de nós, longe das nossas ilhas, sempre a quereremos ir sem podermos e a ter de ficar sem quereremos."
- Orlanda Amarílis, em "A casa dos mastros".

2.1.4 São Tomé e Príncipe

A literatura são-tomense tem o seu início nos finais do século XIX (com a publicação de alguns poemas em crioulo forro de Francisco Stokler e em duas obras de Almada Negreiros onde o autor exalta as belezas das ilhas e os desconcertos da sua vida e do mundo, bem como as suas memórias da vivência em São Tomé) e princípios do século XX, e também de uma tradição jornalística intervencionista.

Entre os periódicos da época podem-se citar O Africano, O Negro, A Verdade, O Correio d'África. Os textos tendiam para o desenvolvimento das polémicas sobre a dignificação e a instrução da população nativa, o abuso do poder, a violência contra o negro e a questão das terras expropriadas aos nativos durante a época da introdução das culturas de cacau e café e a conseqüente instauração das estruturas coloniais, com o início da segunda colonização baseada na economia da monocultura nas unidades socioeconômicas que então recebiam a denominação de "roças".

Para Manuel Ferreira, Marcelo da Veiga, nascido em 1892, é "o mais longínquo pioneiro de autêntica poesia africana de expressão portuguesa; podíamos mesmo adiantar da negritude", devido à veemência do seu discurso sobre a identidade.

Ossôbó
*"Ossôbó! ossôbó!
Como és estranho e só!*

*Longe da ignara turba e do pó
Em altas francas cantas, escondido,
As estranhas endechas
As magoadas queixas
De um coração ferido.*
(“O Canto do Ossobó”, Edições ALAC, 1989).

A literatura de São Tomé e Príncipe é ainda pouco representativa no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa. Ainda assim tem sua marca garantida na história da literatura africana com outros escritores como Francisco da Costa Alegre, Francisco José Tenreiro e Maria da Conceição de Deus Lima.

Conceição Lima, é uma poetisa são-tomense natural de Santana da ilha de São Tomé. Em 1993 fundou o semanário independente “O país hoje”. Desde então produz poesia, porém, somente em 2004 produz seu primeiro livro, O útero da casa.

A poesia de Conceição Lima é visceral com as críticas ao seu país. Severo com a história política do país o sujeito lírico condena os desvios atingidos e questiona as vidas que se foram, infelizmente, em vão, no poema “Os heróis”:

Na raiz da praça
sob o mastro
ossos visíveis, severos, palpitam.
Pássaros em pânico derrubam trombetas
recuam em silêncio as estátuas
para paisagens longínquas.
Os mortos que morreram sem perguntas
regressam devagar de olhos abertos
indagando por suas asas crucificadas. (p. 23)

Francisco Costa Alegre é um poeta, crítico e ensaísta da nova geração da República Democrática de São Tomé e Príncipe, nascido em 1921, autor de Ilha de nome santo (1942), é considerado um dos marcos da poesia santomense e das literaturas africanas de língua portuguesa. O autor divide-se entre poeta e escritor.

A minha cor é negra,
Indica luto e pena; [...]
Todo eu sou um defeito,
Sucumbo sem esperanças, [...]. (COSTA, 2006)

A literatura são-tomense está muito associada à poesia. Se quisermos, aliás, indicar um marco desta literatura, recorreremos à

publicação do livro de poemas *Ilha de Nome Santo* (1942), de Francisco José Tenreiro:

[...] Onde as noites estreladas e uma lua redonda como um fruto
os negros as sangues os moleques os caçô – mesmo o branco
e a sua mulata – vêm no sòcôpé de uma sinhá ouvir um
malandro tocando no violão cantando ao violão!
E o som fica ecoando pelo mar. [...] (*Ilha de Nome Santo* – 1942).

Poeta da mestiçagem, do cruzamento de culturas e de vozes, escreve, na “Canção do Mestiço”, “nasci do negro e do branco / e quem olhar para mim / é como se olhasse / para um tabuleiro de xadrez”.

A africanidade, em Francisco José Tenreiro, é, por fim, uma atitude poética e filosófica, donde a raça e a cor, por si, não têm a valorização absoluta que a negritude lhes confere, preferindo-se, antes, considerar o homem como um ser universal, onde conta mais a alma, a essência, do que a pigmentação da epiderme, porque o poeta sabe que o amor e a maldade são acrómicos.

Na obra de Tenreiro, o ideário da negritude motiva uma produção poética mais voltada para as realidades da vida do homem africano, esteja ele no continente ou perambulando pela Europa com o “coração em África”. Poema “Coração em África”, de que faz parte a seguinte estrofe:

Caminhos trilhados na Europa de coração em África
Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas tons
fortes da paleta cubista que o Sol sensual pintou na paisagem;
saudade sentida de coração em África ao atravessar estes
campos de trigo sem bocas das ruas sem alegrias com casas
cariadas pela metralha míope da Europa e da América da
Europa trilhada por mim Negro de coração em África. De
coração em África na simples leitura dominical dos periódicos
cantando na voz ainda escaldante da tinta e com as dedadas de
miséria dos arduas das cities boulevards e baixas da Europa
trilhada por mim Negro e por ti ardina cantando dizia eu em sua
voz de letras as melancolias do orçamento que não equilibra do
Benfica venceu o Sporting ou não (...). (TENREIRO, 1982, p.
124).

2. 1.5 Guiné-Bissau

Ao longo dos primeiros séculos de colonização portuguesa na África, na Guiné-Bissau especialmente, não existiam as condições favoráveis ao desenvolvimento do sistema de educação escolar para que os nativos

guineenses pudessem ser escolarizados de igual modo, como aconteceu com os outros países da colonização portuguesa na África. Assim se tornou mais tardio em termos de publicação a literatura guineense em relação aos demais países colonizados pelos portugueses.

Somente após a independência em 1973 é que os próprios guianenses tomam um novo olhar sobre a literatura, dedicando-se a mostrar a cultura do seu povo através da escrita.

O cônego guineense Marcelino Marques de Barros foi a figura que mais se destacou, durante esta primeira fase literária. Nesta época, a maioria das obras era publicada em língua portuguesa, que tinha como missão a universalização da cultura nas colônias. No entanto, este estudioso foi o responsável pela documentação da literatura oral da Guiné-Bissau. Graças a Marcelino Marques de Barros, os primeiros trabalhos etnográficos começaram a ser desenvolvidos. Através do registo dos contos populares e das canções guineenses (em crioulo e noutras línguas), o cônego editou o primeiro livro que salvaguardava a cultura de Bissau, sem que o domínio colonial a mitigasse.

Dos anos de 1945 a 1970 deu-se o surgimento dos primeiros poetas guineenses de destaque e a produção literária passa a ser reconhecida como “poesia de combate”, pois procurava, sobretudo, denunciar, a miséria, o sofrimento e o domínio colonial, incitando a luta pela liberdade.

Vasco Cabral é considerado o poeta guineense que, durante a sua geração, mais alimentou o acervo literário do seu país. Compilou sua obra por 23 anos de criação poética, referentes ao período de 1951 a 1974, porém somente em 1981 publicou seu primeiro livro.

Um dos fundadores da União Nacional de Artistas e Escritores da Guiné-Bissau, escritor e jornalista guineense, Antônio Soares Lopes (Tony Tcheka) é considerado uma referência literária incontornável. Os temas que mais retratou, através da poesia, referem-se ao passado do seu país natal, destacando a escravatura, a guerra, a instabilidade política, a fome e a diáspora. Seu primeiro livro, “Noites de insônia na terra adormecida” foi publicado em 1996.

Refrão da fome

Esse som que chega

e me nega o sono
 Não é choro não é chuva
 Mimoseando a terra ressequida
 Não é pranto nem sorriso incontido
 É um gemido perdido
 um choro sentido mas não chorado
 Choro... Sufoco de menino
 fere o conto de N'Gumbé
 em refrão amargo de fome.
 Tony Tcheka, [1981]

2.2 A DESCOLONIZAÇÃO PROCESSO HISTÓRICO PARA LITERATURA AFRICANA

Percebe-se que entre os cinco países nas etapas de produção, circulação, disseminação e recepção das literaturas africanas produzidas nos países de Língua Portuguesa há um processo histórico que envolve eventos distintos tais como a escravização, o racismo, as diásporas e diversas outras tensões que surgem do que eles têm em comum: a colonização portuguesa.

A lógica colonialista incorporou o discurso da diferença e inferioridade para justificar as suas ações no Continente Africano. A presença europeia seria uma “ajuda” para que os povos superassem seus atrasos. O modo de viver europeu seria um espelho, um modelo a ser seguido no caminho da evolução humana, só assim os africanos iriam estreitar sua presença na história da humanidade. Para Fanon (2005), um dos artifícios usados pelo colonizador na sua tarefa de subjugação foi a desvalorização dos sujeitos e do passado dos colonizados.

(...) o colonialismo não se contenta com impor a sua lei ao presente e ao futuro do dominado. O colonialismo não se contenta com encerrar o povo nas suas redes, com esvaziar a cabeça do colonizado de qualquer forma e de qualquer conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, orienta-se para o passado do povo oprimido, distorce-o, desfigura-o, e aniquila-o. Essa empresa de desvalorização da história anterior à colonização assume hoje o seu significado dialética. (FANON, 2005: p. 244)

A literatura pode, assim, ser compreendida como um rico e poderoso vetor para fomentar a resistência, a esperança, a denúncia. Evidenciando que a arte é instrumento de construção, de desafio e de transformação da realidade, por mais penosa e cruel que esta seja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se observa em comum da literatura desses cinco países africanos de língua portuguesa é que eles, todos explorados pelo colonialismo português, expressaram através da literatura as suas mazelas e o sofrimento de seu povo. Bem como em prol da luta pelos direitos dos negros e contra o racismo dentro e fora da África, tiveram um papel profícuo no surgimento e desenvolvimento de uma literatura engajada e militante na primeira metade do século XX.

A literatura africana de expressão portuguesa oferece uma visão do negro e da África que foge da limitação dos estereótipos pejorativos, trazendo o negro no papel de protagonista, herói, sábio, fonte de conhecimento e de cultura, guerreiro e guardião da história de seu povo; permitindo, assim, que o leitor brasileiro (re)descubra a diversidade cultural que forma o continente africano e que está entranhada em suas próprias raízes ancestrais.

A intenção desse trabalho foi refletir sobre como o estudo da literatura africana de expressão portuguesa pode contribuir para a construção da identidade do afrodescendente brasileiro, mostrando uma parte da história de cada um desses países e alguns de seus escritores. Os autores africanos lusófonos romperam com os padrões estéticos e temáticos da metrópole, mesmo que ainda escrevam na língua do colonizador, utilizaram a literatura como instrumento de autoconhecimento e de fortalecimento da autoestima nacional.

Nessas condições é imprescindível que o discente, futuro/docente tenha a oportunidade de ampliar e enriquecer seus conhecimentos para compartilhá-los com seus alunos. Para que isso ocorra é necessário um comprometimento de todas as partes, gestão, professores, equipe pedagógica, poder público e privado, além da lei tornando a disciplina obrigatória, visto que mesmo com a lei 10.639 há o descumprimento.

A história da África, da memória e das culturas negras precisa constar nos currículos da Educação Básica por ser um direito de cada cidadão brasileiro conhecer um dos pilares que constitui a formação de seu país. Nesse sentido, a postura adotada pela figura do professor tem crucial

importância para que seja fomentado um diálogo multirracial, intercultural no campo dos saberes disseminados na esfera escolar.

A inclusão desses conteúdos na educação brasileira visa promover a criação de políticas de reparação, o reconhecimento e a valorização da história, cultura e identidade afrodescendentes, a produção e a divulgação de conhecimento para a educação de cidadãos cientes e orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial, o combate ao racismo e às discriminações e o trabalho da diversidade. E por ser um debate fundamental e estruturante para sociedade brasileira.

Todavia há resistência no meio escolar e acadêmico quanto a esta lei, até mesmo em como abordar os temas, existem muitas dúvidas e isto acaba se tornando um impedimento para que a lei, de fato, se concretize como devido. Em alguns casos até mesmo o questionamento sobre quais obras usar.

Em vista disso que defendo a difusão da obrigatoriedade dessa disciplina como uma das maneiras auxiliares na contribuição da educação de cidadãos cientes e orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial.

Combater o racismo e trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial não é tarefa exclusiva da escola, no entanto, como educadores devemos manter nossos olhares atentos a atos de discriminação, buscar sempre o conhecimento e a construção de um espaço democrático e justo.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Costa, 1980: ***Literatura Angolana (opiniões)***, Lisboa + Luanda: Edições 70 e **União dos Escritores Angolanos**.

CARVALHO, Paulo de, 2011: “**Angola: Estrutura social da sociedade colonial**”, *Revista Angolana de Sociologia*, nº 7, pp. 57-69.

GERONE JUNIOR, Acyr de **Desafios ao educador contemporâneo: perspectiva de Paulo Freire sobre a ação pedagógica de professores**. Editora InterSaber. Curitiba 2016.

HAMILTON, Russel. **A arrancada tardia de uma literatura**. In. **Literatura africana. Literatura necessária**. Volume 2. Luanda: INLD, 1984, p. 215-234.

HAMILTON, Russell G. **Literatura africana, literatura necessária, II: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Edições 70, 1984.

LIMA, Norma Sueli Rosa (2016). “**Literaturas em Curso: o pioneirismo de Dirce Côrtes Riedel**”. In: Matraga. Rio de Janeiro: UERJ, 39 (23), p.68-87.

MOURÃO, Fernando A. Albuquerque, 1978: **A Sociedade angolana através da literatura**, São Paulo: Ática.

NEVES, João Alves das, 1992: **As Relações Literárias de Portugal com o Brasil**, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

PEPETELA Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. **Jayme Bunda, agente secreto**. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

SILVA, Luiz **Literatura Negro-Brasileira/ Cuti-** São Paulo: Selo Negro. 2010.

VALLE, Maria Lúcia Elias / **Não Erre Mais: Língua Portuguesa Nas Empresas**. Curitiba. InterSaber. 2013.

Sites da Internet

Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/paulina-chiziane-e-liberdade-de-quem-conta-suas-proprias-historias/> Acesso em 25/02/2021.

Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO_EV066_MD1_SA18_ID1350_22032017222226.pdf Acesso em 20/02/2021.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1227>

Acesso em: 10/02/2021.

Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/ficha?/legisla/legislacao.nsf/View_Identificacao/lei%20%2010.639-2003&OpenDocument Acesso em 25/03/2021.

Disponível em: http://parquedospoetas.cm-oeiras.pt/?page_id=1226
Acesso em 25/03/2021.

Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10367> Acesso em 25/03/2021.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>
Acesso em 10/04/2021

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf
Acesso em 10/04/2021.

Disponível em: <https://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCNs%20-%20Acesso%20em%2020/02/2021.pdf>

[%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf](#) Acesso em 25/02/2021.

Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/433> Acesso em: 20/02/2021.

Disponível em : <http://www.stp-press.st/2020/10/08/nova-obra-literaria-de-francisco-costa-alegre-com-lancamento-ja-para-breve/> Acesso em: 10/03/2021.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk&feature=emb_logo
Acesso em: 20/02/2021.